



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A Soberania Patriarcal e a Trajetória Delinquencial Feminina
Autor	ALICE PAGNONCELLI PITUCO
Orientador	VANESSA CHIARI GONÇALVES

A Soberania Patriarcal e a Trajetória Delinquencial Feminina

Aluno: Alice Pagnoncelli Pituco

Matrícula UFRGS: 00228807

Professor Orientador: Vanessa Chiari Gonçalves

A Constituição Federal de 1988 apresenta um projeto de consolidação da democracia que encontra, dentre tantos desafios, o da redução das desigualdades de gênero e da superação das disfunções de um sistema penitenciário que não tem se mostrado eficaz em seus propósitos. Nesse sentido, sabe-se que a soberania patriarcal estabelecida em nossa comunidade é um indicador importante sobre o funcionamento do sistema penal no país. Ademais, o macrossistema penal brasileiro, que é composto pelas instituições oficiais de controle, bem como circundado pelas instituições informais de controle, como a família, a escola, a mídia, a religião, o mercado de trabalho e a própria sociedade como um todo, se baseia numa concepção patriarcal de sociedade, de modo que o tema do encarceramento de mulheres merece total destaque.

Dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN, que teve como período de referência o mês de junho de 2014 e acessou registros fornecidos por 1.424 unidades prisionais em todo sistema penitenciário estadual e federal, afirmam que a população absoluta de mulheres encarceradas no sistema penitenciário cresceu 567% entre os anos 2000 e 2014, chegando ao patamar de 37.380 mulheres. Já a população de homens encarcerados cresceu 220% no mesmo período, seguindo a tendência geral de aumento do encarceramento no Brasil.

Dessas mulheres encarceradas, 68% possui vinculação penal por envolvimento com o tráfico de drogas não relacionado às maiores redes de organizações criminosas. A maioria dessas mulheres ocupa uma posição coadjuvante no crime, realizando serviços de transporte de drogas e pequeno comércio. Muitas são usuárias, sendo poucas as que exercem atividades de gerência do tráfico, o que demonstra que muitas dessas mulheres são envolvidas no crime pelo próprio marido ou amante, tal como que estes crimes seriam uma fonte de dinheiro “fácil” capaz de complementar suas rendas.

Os dados dão ensejo, então, ao questionamento que compõe a formulação do problema de pesquisa proposto: A lógica patriarcalista, que estabelece o poder de autoridade da figura do homem sobre a da mulher e que instaura o estigma da mulher mais fraca que o homem, menos competente que o homem e, conseqüentemente, dependente do homem, promoveria uma sociedade em que estas se veriam compelidas a entrar para o submundo do crime de tráfico de drogas, normalmente coagidas por um líder masculino, bem como seduzidas por uma ideia de dinheiro “fácil” capaz de complementar suas tão baixas rendas? A presente pesquisa pretende, por meio da adoção do método dialético, responder a essa questão, através da análise de dados de mulheres encarceradas no estado do Rio Grande do Sul, elegendo as criminologias crítica e feminista como marcos teóricos da pesquisa.